

OS INTEGRALISTAS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (1933-1938)

Pedro Ernesto Fagundes¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a atuação da Ação Integralista Brasileira (AIB) no Estado do Espírito Santo. Esse partido surgiu a partir da unificação de inúmeros movimentos e organizações, que aconteceu em 1932, e configurou-se como uma das mais importantes agremiações partidárias, durante a década de 1930. Entre os anos de 1932-1937, os integralistas conseguiram organizar núcleos em quase todas as regiões do país e atrair para suas fileiras milhares de adeptos.

Palavras-chave: Integralismo; Espírito Santo; Década de 1930.

Abstract: The aim of this work is to analyze the performance of the political party named Brazilian Integralist Action in the state of Espírito Santo. This party came into existence after the unification of innumerable movements and organizations that gathered together in 1932, and became one of the most important political parties during the 1930's. During the years of 1932-1937, the integralists managed to form groups in almost all the regions of the country, and attract millions of supporters.

Keywords: Integralism; Espírito Santo; Decade of 1930.

O primeiro Congresso Nacional da AIB: Vitória – 1934

Na manhã do dia 27 de fevereiro de 1934, partiu da Estação Mauá, no Rio de Janeiro, um trem com destino a Vitória, capital do Espírito Santo. Entre seus passageiros estavam centenas de militantes e dirigentes da AIB que ocuparam dois vagões enfeitados com bandeiras e letreiros alusivos ao congresso na cidade capixaba.

Na capital capixaba, era grande a expectativa em torno da chegada do trem do DF, tanto que os dirigentes de Vitória preparavam uma “festiva recepção” para a comitiva

¹ Professor do Departamento de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS - UFES). Doutor em História Social (UFRJ).

de Plínio Salgado.¹ Finalmente, na tarde do dia 28 de fevereiro, a delegação de integralistas chegou ao seu destino final. Os ocupantes do “trem-verde” foram saudados por duas decúrias do núcleo local que, “sob as mais vibrantes e contagiantes demonstrações de regozijo”,² apresentaram as boas-vindas aos principais dirigentes da organização, entre eles Plínio Salgado, Madeira de Freitas, Jeová Mota, Olbiano de Mello e Miguel Reale.

Ainda na plataforma de desembarque da Estação Pedro Nolasco, os congressistas foram recebidos por Arnaldo Magalhães, chefe provincial. Após a travessia da baía de Vitória, feita em barcos e lanchas, os membros da comitiva puderam saudar os seus companheiros de outros Estados que já se encontravam na cidade. Entre as cerimônias de boas-vindas, houve um desfile da milícia em frente ao hotel da comitiva de Plínio Salgado e, por fim, o hino nacional foi cantado por todos.

Buscando agilizar os trabalhos do Primeiro Congresso Nacional da AIB, ainda na noite de 28 de fevereiro ocorreram as primeiras atividades do evento. Nesse sentido, foram nomeados por Plínio Salgado os dirigentes que iriam compor as mesas dos trabalhos do congresso. Da mesma maneira, foram indicados os nomes dos dirigentes que iriam compor as comissões criadas para organizar, elaborar e sistematizar as atividades. A solenidade de abertura oficial do congresso estava marcada para o dia seguinte.

No dia primeiro de março de 1934, as ruas nas imediações da Praça Costa Pereira, região central de Vitória, ficaram inundadas de “camisas-verdes” que se deslocavam para as dependências do tradicional Teatro Carlos Gomes. Do lado de fora do teatro, as decúrias formadas para saudar os participantes do evento acabaram atraindo a atenção dos habituais frequentadores da praça. A curiosidade dos transeuntes aumentou muito quando, por volta das 21h, Plínio Salgado passou em revista a milícia e foi saudado pelos “anauês”.

Contudo, o momento de júbilo do futuro líder supremo da AIB ocorreu quando ele adentrou o teatro e foi saudado por centenas de integralistas de todas as partes do Brasil. Outra vez, agora com muito mais eco, ouviu-se um triplo brado de “anauê” em saudação a Plínio Salgado. Depois de conseguir atravessar toda parte inferior do recinto, Salgado subiu ao palco para iniciar a abertura oficial do evento.

O palco estava ornamentado com bandeiras da AIB, dos Estados que haviam enviado delegações e com palavras de ordem do movimento: Deus, Pátria e Família. No centro destacava-se um imenso painel com os seguintes dizeres: “Pelo bem do Brasil: Anauê”. Antes de iniciarem as atividades, os integralistas aproveitaram a acústica do teatro para cantarem o hino integralista.

A sessão iniciou-se com a leitura da ordem do dia e de inúmeros telegramas dos 22 núcleos provinciais da AIB. Logo em seguida, a palavra foi passada para Plínio Salgado que fez o pronunciamento mais aguardado da noite. O discurso do líder integralista foi, constantemente, entrecortado pelos aplausos. Depois da fala de Plínio Salgado, a direção do congresso foi entregue a Arnaldo Magalhães – o mais velho entre os congressistas.

Coube a esse dirigente franquear a palavra a Olbiano de Mello, membro da direção nacional da organização, que realizou a leitura de um documento que se tornaria fundamental para a história da AIB. Tratava-se de um manifesto, assinado pelos delegados de todas as províncias integralistas, que aclamava o nome de Salgado como o único e insubstituível chefe dos “camisas-verdes” do Brasil.

Visando reafirmar os princípios de fidelidade e obediência, previstos nos documentos e estatutos da AIB que seriam aprovados durante o evento, foi realizada uma interessante cerimônia para reafirmar a posição de Salgado como chefe supremo dos integralistas. Um a um, os nomes dos chefes provinciais foram sendo chamados. Ao escutar seu nome o dirigente – com o braço direito em posição de saudação – respondia solenemente: “Juro, anauê, Plínio Salgado.”

Compreender o significado e a importância dessa cerimônia é vital para realizarmos uma correta leitura do modelo de partido político que foi consagrado a partir de 1934 no interior da AIB. O ato demarcou definitivamente o caráter organizacional do partido, ou melhor, deu a feição definitiva que iria acompanhar a organização até seu fechamento em 1937. Pode-se afirmar, também, que o ato de aclamação a Plínio Salgado durante as sessões de instalação do congresso foi mais um dos momentos em que a política adquiriu características de um verdadeiro espetáculo de poder.

Toda a teatralidade da cena teve como finalidade sepultar o modelo de direção colegiada da AIB – originalmente existiram os triunviratos que comandavam as

direções do partido – e criar a figura do chefe nacional que, com o passar do tempo, adquiriu *status* de onipresença.

Ficou evidente que Plínio Salgado passaria a encarnar a própria identidade do partido, através da total submissão dos seus membros ao seu chefe nacional. Sendo assim, o ato de fidelidade – demonstrada no episódio de aclamação ao chefe nacional pelos chefes provinciais da organização – serviu para ratificar dois traços fundamentais que passariam a marcar a estrutura orgânica da AIB: a fidelidade ao chefe e o repúdio às dissidências e tendências.

Como pontuamos, o I Congresso Nacional da AIB foi um marco na transição da organização de uma associação cultural para um partido político. Durante o congresso de Vitória, a aprovação dos estatutos, dos documentos e a consagração de Salgado como único chefe nacional deram ao partido seu perfil definitivo. No entanto, para compreender a verdadeira dimensão desse evento é preciso apresentar algumas questões: Qual a origem da AIB? Como os integralistas estavam organizados nacionalmente? E ainda, quais os primeiros passos dos integralistas no estado do Espírito Santo?

O dia 7 de outubro de 1932 é considerado um dos mais importantes no calendário político dos integralistas. Nessa data, celebra-se a publicação do chamado “Manifesto de Outubro”, primeiro documento assinado e lido publicamente pelos integrantes da Ação Integralista Brasileira (AIB). O local de tão singular evento foi o tradicionalíssimo Teatro Municipal de São Paulo.³

Adotando o modelo das organizações fascistas, sobretudo da Itália, os integralistas seguiam uma série de rituais e normas. Como exemplo, os militantes do partido deveriam estar sempre vestidos de camisas verdes com gravatas pretas: daí serem chamados de “camisas-verdes”.

Tinha como símbolo a letra do alfabeto grego sigma (Σ), que na matemática é utilizada para realizar o cálculo integral, numa alusão à necessidade de integrar todos os brasileiros. Estavam organizados em milícias e realizavam desfiles e marchas de caráter militar. A palavra de origem tupi-guarani *anauê* era usada como saudação, que deveria ser feita com o braço direito estendido.

A primeira manifestação pública de destaque da AIB foi realizada em São Paulo, em abril de 1933. A partir dessa primeira parada, que reuniu algumas centenas de

integralistas uniformizados com camisas verdes e identificados com o sigma nos braços, os grandes desfiles da AIB passaram a ser um dos elementos mais marcantes e característicos dos integralistas brasileiros.

Outra estratégia dos integralistas para chamar a atenção e atrair a simpatia da população eram as chamadas “bandeiras”⁴ ou “caravanas” integralistas, que tinham o objetivo de divulgar as ideias do movimento e, ao mesmo tempo, fundar núcleos da AIB. Sendo assim, em agosto de 1933 começou uma fase de pleno crescimento da AIB em nível nacional, intensificando-se, nesse período, o trabalho de propaganda e organização. Os principais dirigentes da organização partiram em caravanas para várias cidades e regiões do Brasil. Foi a partir dessas incursões que se deu a expansão da organização para além dos limites do Estado de São Paulo.

Pelo fato de ter sido o local que assistiu ao surgimento da organização, São Paulo ocupou uma posição de destaque na estrutura organizacional da AIB. Isso porque a capital do estado foi o local onde ocorreu a primeira parada da história da milícia integralista e a primeira reunião pública do movimento, durante o ano de 1933. Foi ainda em solo paulista que surgiu o primeiro órgão informativo e os primeiros grandes conflitos com as forças antifascistas — Bauru e a “Batalha da Praça da Sé” — ambas em outubro de 1934.

Consolidada sua posição em São Paulo, em agosto de 1933, teve início uma fase de pleno crescimento da AIB em outras regiões do País. Nesse sentido, inicialmente, as “bandeiras integralistas” seguiram nas direções norte e sul do território nacional e passaram em centenas de cidades, realizando conferências — quase sempre em recintos fechados — e fundando núcleos.

No estado do Rio de Janeiro, o município fluminense⁴ de Niterói foi palco da primeira conferência do líder máximo da Ação Integralista Brasileira (AIB), Plínio Salgado.⁵ O local escolhido para a conferência foi o Liceu Nilo Peçanha, um dos prédios mais imponentes da região central da cidade. Localizado próximo à Praça da República, o estabelecimento de ensino tinha como traço marcante de sua arquitetura duas grandiosas torres que contribuíram para realçar a importância do colégio como um dos estabelecimentos fluminenses mais tradicionais de ensino.

Em Minas Gerais houve outros importantes núcleos da AIB que atuaram de forma intensa. Basta recordar que, em 9 de outubro de 1932, foi organizado o segundo núcleo

da história dos integralistas na cidade mineira de Teófilo Otoni. O núcleo foi comandado por Olbiano de Melo. Outro fato ímpar entre os núcleos integralistas mineiros sucedeu no município de Juiz de Fora, local que teve seu núcleo organizado após a passagem da “bandeira Integralista”, em outubro de 1933. Nessa cidade, a base principal de apoio à fundação e desenvolvimento das atividades dos “camisas-verdes” foi a Igreja Metodista local.⁶

Dessa feita, durante essa verdadeira cruzada, ao longo dos anos de 1933 e 1934, a partir das Bandeiras Integralistas, os componentes da direção nacional puderam entrar em contato com a realidade do País, sobretudo o grupo liderado por Plínio Salgado, que teve a incumbência de cruzar as cidades da região Nordeste e Norte. As “províncias integralistas” começaram a surgir em quase todos os estados da região: os dados da AIB de 1937 apontam o estado da Bahia como o segundo, em nível nacional, em relação à quantidade de núcleos organizados e ao número de filiados.⁷ Os baianos, liderados por João Alves dos Santos, formaram o primeiro núcleo integralista em novembro de 1932.

No Rio Grande do Norte, a adesão do folclorista Câmara Cascudo foi amplamente divulgada pela imprensa do partido. Ainda no Nordeste, cabe destacar as províncias integralistas de Pernambuco, do Ceará e do Maranhão. Na cidade de Recife, um grupo de acadêmicos do curso de Direito, empolgados com o teor do “Manifesto de Outubro de 1932”, publicou o que viria a se chamar “Manifesto de Recife”, que apoiava na íntegra aquele documento.

Outro dado importante acerca da atuação dos “camisas-verdes” pernambucanos⁸ baseou-se na estreita relação com elementos da intelectualidade, com estudantes e com segmentos do laicato católico. Entre os pernambucanos, o integralismo teria sido apresentado como um movimento de forte teor religioso, por conseguinte, a AIB teve uma grande aceitação entre a intelectualidade católica do estado.⁹

Essa mesma proximidade entre integralistas e líderes católicos pode ser detectada em outra “província integralista” nordestina. No estado do Ceará, o movimento foi oficializado em dezembro de 1932. Entre os “soldados de Deus” cearenses, uma das mais importantes lideranças da AIB foi o padre Helder Câmara.

Mais do que a simples presença do religioso nas fileiras dos “soldados de Deus”, as relações amistosas entre católicos e integralistas foi reforçada com o apoio e a adesão da Legião Cearense do Trabalho (LCT) à causa do sigma. Outro ponto de convergência

firmou-se na presença de núcleos da AIB no interior cearense, que começaram a se multiplicar durante o ano de 1934. Nessas áreas — como em outras regiões do País — abriram-se uma série de escolas e postos de atendimento para a população.¹⁰

Os meses de dezembro de 1933 e janeiro de 1934 marcaram a passagem da “bandeira-verde” pela capital do Maranhão. Comandada por Gustavo Barroso e Miguel Reale, a comitiva de dirigentes realizou, em 27 de dezembro, a primeira de uma série de conferências em São Luís. Os principais dirigentes locais eram Cássio Miranda (médico), padre Carlos Bacelar, Rubens Damasceno (professor), Olavo Leite, Warwick Trinta e Clodoaldo Fontenelle. (CALDEIRA, 1999:29)

Os anos de 1934 e 1935 registraram uma importante fase de crescimento da AIB, tanto na capital quanto no interior do estado. No tocante à penetração dos integralistas em cidades de pequeno e médio porte do Maranhão, vale destacar-se que em alguns locais — como as cidades de Caxias e Pedreira — a adesão às fileiras do partido foi referendada por grupos políticos tradicionais que dominavam as disputas locais.

Depois de meses de penosas viagens pela região Nordeste, a comitiva da AIB chegou, a bordo de barcos, aos longínquos estados do Pará, Amazonas e Acre. Como havia acontecido nos locais anteriormente visitados, os membros da “bandeira-verde” foram calorosamente recepcionados. Em janeiro de 1934, Gustavo Barroso e seu séquito estiveram nas cidades de Belém e Manaus para a realização de conferências com os simpatizantes e filiados das respectivas cidades e organização de núcleos.

Na região Centro-Oeste, as atividades em Goiás estiveram sob a direção do tenente Eduardo Bastos e do estudante Virgílio Gondier Fleury. No estado de Mato Grosso, os primeiros integralistas registrados estavam sendo comandados por Sebastião Lins e Fulvio Mandeta.

Coube a Miguel Reale a tarefa de comandar as bandeiras que se dirigiram para a região Sul do Brasil. Durante o mês de agosto de 1933, efetivaram-se conferências nos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Dos três estados da região, a AIB logrou resultados mais significativos em Santa Catarina. Segundo relatos publicados em 1937, esse estado ocupava o terceiro lugar nacional em número de núcleos organizados.¹¹

No Rio Grande do Sul, a direção do movimento esteve a cargo de Dario Bitencourt, Anor Butler Maciel e Nelson Contreiras. Nas eleições municipais de 1935,

os integralistas elegeram dois vereadores — um em Novo Hamburgo e outro em Caxias do Sul. Ainda em relação à presença da AIB nos estados do Sul, faz-se mister salientar que uma das possíveis justificativas para o grande número de adeptos — a “província integralista catarinense” foi a terceira mais numerosa do País — deve-se à postura dos integralistas em relação às lideranças políticas tradicionais. (GERTZ, 1987:113).

Os partidários gaúchos de Plínio Salgado ocuparam uma posição relevante na oposição ao governador Flores da Cunha. Igualmente no Rio Grande do Sul, a AIB representou uma das alternativas políticas para vários setores que haviam ficado à margem das disputas durante a Primeira República.¹²

A trajetória da AIB no Paraná iniciou-se, outrossim, no segundo semestre de 1933, com a passagem da “bandeira”, liderada por Miguel Reale. Entre os municípios do interior paranaense, salienta-se o núcleo de Ponta Grossa. Nas eleições municipais de 1935, de um total de oito parlamentares, os “camisas-verdes” elegeram uma bancada de quatro vereadores na Câmara Municipal.¹³

Os integralistas no Espírito Santo

Inegavelmente, as “bandeiras-verdes” contribuíram de maneira decisiva para a ampliação do número de filiados e núcleos organizados em todas as regiões do País. O ano de 1933 foi pródigo para os integralistas no que diz respeito à sua expansão e, sobretudo, porque foi no segundo semestre desse ano e nos meses iniciais de 1934 que a AIB efetivamente se consolidou como uma organização de nível nacional.

Foi exatamente nesse período – segundo semestre de 1933– que surgiram os primeiros núcleos da “província integralista capixaba”.¹⁴ A primeira cidade a receber uma reunião pública visando construir um núcleo foi exatamente a capital, durante a passagem da “bandeira integralista” por terras capixabas. Além disso, como vimos, Vitória foi palco do I Congresso Nacional da AIB. No Espírito Santo a militância integralista era composta principalmente por agricultores, funcionários públicos e profissionais liberais.

Em 1934, a AIB ainda dava os primeiros passos no Espírito Santo, e por conta disso não participou das eleições estaduais. Entretanto, após organizar núcleos em todas as regiões do estado, finalmente os integralistas apareceram com legenda própria nas

eleições municipais, que ocorreram entre novembro de 1935 e fevereiro de 1936. Nessa disputa eleitoral os integralistas conseguiram atingir o coeficiente eleitoral mínimo e elegeram 26 vereadores e dois prefeitos: Henrique Hildebrando (Santa Tereza) e Otaviano Santos (Domingos Martins).¹⁵

Na Capital foram eleitos para o Legislativo Municipal Jair Etienne Dessaune e o padre Ponciano Stenzel dos Santos. O jovem jornalista e advogado Jair Etienne Dessaune nasceu em 05 de agosto de 1903, na cidade de Castelo. Ao longo de sua trajetória como jornalista atuou com destaque no jornal Folha do Povo e na Revista Vida Capichaba. O padre Ponciano Stenzel nasceu em 30 de julho de 1902, na cidade de Osório (RS), mais tarde fez parte da chamada “Câmara dos Quatrocentos”, instância superior da AIB em nível nacional. Ambos fizeram parte da bancada integralista na Câmara de Vitória.

Em Cachoeiro de Itapemirim, o então jovem médico Dalton Penedo foi eleito para o cargo de vereador. Os “camisas-verdes” também lançaram candidaturas a prefeito e a vereador em outros municípios da Região Sul, entre eles Castelo, Mimoso do Sul, Muqui, Iconha e Alegre. O candidato integralista a prefeito no município de Mimoso do Sul foi Antonio Rodrigues Barreto, e na cidade de Muqui, Guilherme Manoel Cyrillo. Mesmo não conseguindo eleger nenhum dos dois, a simples presença de candidaturas da AIB é uma amostra da existência de núcleos integralistas espalhados pelo interior do estado.

Vereadores eleitos pela AIB no ES
(Eleições de 1935/1936)

MUNICÍPIO	NOME DO VEREADOR
Santa Teresa	Alberto Pretti João Siqueira Augusto Sancesco Alfredo Alfonso de Alcantara Basílio Mendes Vasconcelos
Castelo	Luis Machado Antonio Roberto Feitosa Archilau Vivácqua José Cola
Iconha	Lourival Serrão
Siqueira Campos	Bento Teixeira Machado

Colatina	Sebastião Cezar Rezende Antonio Matos João Dias
Cachoeiro de Itapemirim	Dalton Penedo
Rio Novo do Sul	Idelfonso Souza
Viana	Eustáquio de Paula Moraes
Domingos Martins	Artur Goulart Jose Gegenhauer João Francisco Stain
Alfredo Chaves	Pedro Sechin
Pau Gigante	Manoel Barbosa Ladistênio Calmom
Guarapari	Emílio Soares
Vitória	Pe. Ponciano Stenzel dos Santos Jair Dessaune

FONTE: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ).

No município de Castelo, local de grande concentração de imigrantes e descendentes de imigrantes italianos, a AIB chegou a disputar – e quase ganhou – as eleições para a prefeitura. Os números finais da disputa, segundo informações apuradas do jornal *Correio do Sul*, indicam que num universo de 1.977 eleitores, os números finais foram os seguintes: Manoel Pires Martins (PSD) – 992 e João Rangel (AIB) – 766. Apesar da derrota na disputa pela prefeitura, em Castelo a AIB elegeu o maior número de parlamentares integralistas entre os municípios do sul capixaba, totalizando uma bancada de quatro vereadores.

Entre os anos de 1935 e 1937 os militantes “camisas-verdes” capixabas concentraram suas atividades na organização de núcleos no interior do Estado e nos enfrentamos de rua com os militantes da frente ampla antifascista conhecida como Aliança Nacional Libertadora (ANL). A partir do surgimento da ANL, os “camisas-verdes” passaram a enfrentar uma série de conflitos com – até aquele momento – seus mais combativos adversários. Ocorreram mesmo violentos enfrentamentos de rua entre militantes integralistas e aliancistas no estado. O conflito mais violento entre os militantes da ANL e da AIB ocorreu na estação ferroviária de Cachoeiro de Itapemirim, em novembro de 1935.

O núcleo municipal da AIB preparava-se para recepcionar aproximadamente 5000 militantes do Espírito Santo e de todos os outros estados da região Sudeste, durante um

congresso estadual dos “camisas-verdes”. Entretanto a maior expectativa era pela presença do próprio chefe nacional dos integralistas, Plínio Salgado, a principal atração do congresso.

Contudo, antes do início do congresso da AIB, em 1º de novembro de 1935, um ataque a um grupo de “camisas-verdes” que viajava num caminhão resultou na morte do jovem integralista Alberto Secchin. Esse ataque foi mais um elemento a se somar ao clima de apreensão e medo que tomou conta da cidade. O dia de Finados de 1935 foi marcado pelo velório na sede da AIB, no centro da cidade, do corpo de Alberto Secchin. Seu sepultamento foi realizado no cemitério da localidade de São Vicente.

No dia 3 de novembro de 1935, tanto os integralistas como os aliancistas foram para a estação ferroviária receber a comitiva de Plínio Salgado. O tiroteio na estação ferroviária de Cachoeiro teve como resultado dois mortos e um ferido. Entre os mortos estava Waldomiro dos Santos, chofer de taxi, 33 anos, que recebeu dois tiros. O outro óbito foi de Orestes Cândido, pedreiro, 26 anos. O ferido à bala, contudo sem gravidade, foi Milton Prado, integralista da cidade de Vitória.

Esse período da história política brasileira foi marcado pela polarização entre integralistas e grupos antifascistas. Situação que serviu de pretexto para o Presidente Getúlio Vargas intensificar uma onda de ações repressivas no sentido de aparelhar o Estado brasileiro com a criação de uma série de órgãos voltados para manter a lei e a ordem. Como veremos a seguir, o ponto culminante desse projeto ocorreu em 10 de novembro de 1937.

Os integralistas capixabas e o Estado Novo

Depois da chamada “Revolução de 1930”, houve um o fortalecimento do poder público de repressão em todos os níveis. Tanto que, nos primeiros anos da administração de Getúlio Vargas, em 1933, foi criada pela administração de Getúlio Vargas a Delegacia Especial de Segurança Política e Social (Desps), órgão de abrangência federal, que colaborou na institucionalização de um *modus operandi* adotado nas inúmeras seções estaduais da polícia política, criadas na mesma época. A preocupação com aumento das tensões sociais no país foi o combustível para a ampliação do aparato repressivo. (REZNIK, 2004:107)

A polícia política do Estado do Espírito Santo surgiu oficialmente em 27 de novembro de 1930, a partir da criação do cargo de delegado de Ordem Social, órgão subordinado à Delegacia Geral.¹⁶ A criação da polícia política capixaba foi uma das medidas adotadas durante os primeiros meses do governo provisório do interventor federal João Punaro Bley (1930-1935). O objetivo era reorganizar a estrutura jurídico-administrativa do estado e equipar as instituições da área de segurança social. Apesar de originalmente esse órgão não contar com muita estrutura. (FAGUNDES, 2011:07).

Durante o governo constitucional de Getúlio Vargas (1934-1937), os reflexos da agitada conjuntura política nacional também foi reproduzida no Espírito Santo, tendo em vista que, entre 1935 e 1937, a polícia política local teve o cargo de delegado de Ordem Política e Social elevado para categoria de Delegacia de Ordem Política e Social do Estado do Espírito Santo (DOPS/ES).

Esse órgão concentrou sua estrutura na vigilância, controle e repressão de indivíduos, grupos, partidos e organizações de caráter ideológico, como afirmamos, com destaque para os militantes da Ação Integralista Brasileira (AIB) e da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Haja vista, que nos arquivos do órgão – no momento em processo de organização no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES) – é possível encontrar centenas de documentos sobre as organizações. Fato que indica que efetivamente os arquivos do DOPS/ES começaram a ser organizados nessa época.

O presidente Getúlio Vargas determinou o fechamento da AIB, logo após o estabelecimento da chamada ditadura do Estado Novo (1937-1945). Em 10 de novembro de 1937, o Estado Novo foi formalmente instalado, sem maiores reações e manifestações contrárias e, sobretudo, contando com a colaboração passiva dos “camisas-verdes”. O nebuloso episódio que teria levado Vargas a instalar o Estado Novo foi baseado em um falso documento de um fictício militante judeu-comunista conhecido como Cohen, daí o nome “Plano Cohen”.

A partir do Estado Novo, o Poder Legislativo, os partidos políticos, os governos estaduais, os sindicatos, a imprensa, enfim, várias instituições do país passaram a viver um período de intervenções e suspensão dos direitos democráticos. Com o objetivo de manter a lei e a ordem, ameaçadas por um suposto plano dos “comunistas” de tomar o poder, o presidente Vargas tornou-se o único intermediário entre o povo e o governo.

Sob o pretexto de resguardar o Brasil de um possível golpe de Estado comandado pelos comunistas, Getúlio Vargas conseguiu permanecer no poder. O movimento que propiciou a instalação do Estado Novo foi uma tentativa de responder ao que seus idealizadores qualificavam como situação de anarquia política, sobretudo para salvar a Nação do “perigo vermelho”.

Com o apoio dado ao golpe do Estado Novo, a direção da AIB chegou a pensar que finalmente assumiria o poder político do país. Entretanto, como “pagamento” pelo apoio dos integralistas, a administração Vargas decretou o fim das atividades da AIB, bem como de todos os outros partidos políticos brasileiros, permitindo apenas que essas organizações sobrevivessem como sociedades civis.

O problema maior para os “camisas-verdes” foi que o Decreto-Lei nº 37/1937, que estabelecia as regras para o funcionamento das ditas sociedades civis, vetava toda e qualquer utilização de uniformes, insígnias, símbolos e gestos das antigas agremiações partidárias. Tentou-se, ainda, buscar uma alternativa por meio da criação da Associação Brasileira de Cultura (ABC).

Essa organização nunca conseguiu fazer sombra à antiga AIB, principalmente porque, sem a mística, os símbolos e os ritos, servia apenas como última tentativa de preservar a coesão e o capital político do primeiro partido de massas do país. Assim, chegou ao fim o sonho de conquistar o poder, acalentado por Plínio Salgado e seus seguidores.

Se a reação da direção nacional ao fechamento do partido foi a criação da ABC, outros setores da AIB propuseram respostas mais contundentes: vários núcleos integralistas nos estados prepararam tentativas de levantes armados. O mais notório desses episódios ficou conhecido como *Putsch* Integralista – também chamada de Intentona Integralista – e aconteceu em maio de 1938. Na verdade foi uma tentativa de golpe de Estado que reuniu vários núcleos integralistas, visando à tomada de pontos estratégicos da capital federal (então, na cidade do Rio de Janeiro).

Esse levante armado foi duramente reprimido pelas forças de segurança do governo Vargas, chegando estas a executar inúmeros militantes integralistas que tentaram invadir o Palácio do Catete, residência oficial do presidente. Após esses acontecimentos, a repressão da polícia política do governo Vargas concentrou seus

esforças na perseguição e prisão de centenas de ex-militantes da AIB em diversos estados.

De fato, os documentos da antiga Delegacia de Ordem Política e Social do Estado do Espírito Santo (DOPS/ES) sobre as prisões de integralistas a partir de maio de 1938 indicam que inúmeros dirigentes da AIB capixaba foram detidos. Como exemplo, em 16 de maio, por ordem do delegado Alcides Gomes de Vasconcelos, os integralistas cachoeirenses Darcy Pereira, Dalton Penedo, João Secchin e Ziél Pinheiro foram presos e encaminhados para a Chefatura de Polícia, em Vitória.¹⁷

Após rápida passagem pelo presídio de Roda D'água, em 18 de maio, o vereador integralista Dalton Penedo foi enviado para a enfermaria do quartel da Polícia Militar. Nesse mesmo local, porém detidos nas celas, ficaram Darcy Pereira, Pery Quintaes e José Cola. Outros ex-dirigentes da AIB foram espalhados pelas prisões de Vitória, como os “camisas-verdes” Milton Couto Prado, Dr. Sylvio Couto Prado e Dr Djalma Heloy Hess que foram recolhidos na sede da Guarda Civil.

A Chefatura de Polícia abrigou Raymundo de Mello Junior, Dr. João Linhares, Vicente Brasil, Luis Marrochi, Lourival Serrão, Dr. Robinson Castelo, Dayr de Souza Alves, Archiláu Vivácqua e João Secchin. O padre e vereador Ponciano Stenzel, em voto de silêncio, permaneceu na sede do Bispado de Vitória.¹⁸ Outro que ficou em prisão domiciliar foi Theophilo Costa.

O decreto de fechamento da AIB e a repressão durante a ditadura do Estado Novo não significaram o fim das atividades dos atores políticos que atuaram nas fileiras integralistas. Depois da anistia política de 1945, os antigos “camisas-verdes” – ainda sob a liderança de Plínio Salgado – voltaram a atuar politicamente. Após um período em Portugal, Salgado retorna sua militância no Partido de Representação Popular (PRP), agremiação partidária que contou com inúmeros ex-integralistas capixabas. Haja vista que o PRP elegeu Sebastião Silva Marreco e Josaphat dos Santos Gomes nas eleições para a Assembleia Legislativa (ALES) de 1947.

Contudo, o mais destacado quadro do PRP capixaba foi o padre Ponciano Stenzel dos Santos. Esse religioso retomou sua atuação política sendo novamente eleito vereador na Câmara Municipal de Vitória, em 1947. Ponciano Stenzel foi eleito deputado federal por dois mandatos (1950 e 1954) e chegou a ocupar a liderança da bancada do PRP no Congresso Nacional em 1958.

Esta breve análise permite observar que trajetória da Ação Integralista Brasileira no estado do Espírito Santo deixou profundas marcas na memória política capixaba. Contudo, ainda existem muitas lacunas que podem gerar futuras pesquisas sobre a experiência dessa organização partidária. A própria memória do Partido de Representação Popular (PRP) é outro tema em aberto para novas investigações. Acredita-se que é possível estudar a história de uma sociedade por meio da história de suas lutas políticas. Portanto, o resgate da memória dos “camisas-verdes” é fundamental para a história política capixaba.

Referências

Obras Completas

CALDEIRA, João Ricardo. *Integralismo e Política Regional: a Ação Integralista Brasileira no Maranhão (1933-1937)*. São Paul: Annablume, 1999.

GERTZ, René. *O Fascismo no sul do Brasil: Germanismo, Nazismo e Fascismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

REZNIK, Luís. *Democracia e segurança nacional: a polícia política no pós-guerra*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*. Porto Alegre: Editora UFRGS. São Paulo; Difel, 1974.

Capítulos de Obras

CHAVES, Niltonci Batista. A saia verde está na ponta da escada. As representações discursivas do Diário de Campos a respeito do integralismo em Ponta Grossa. In: *Revista de História Regional*. Vol. 4 (1): 57–80. Ponta Grossa – PR, 1999.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Os Integralistas nas eleições de 1936 no ES. In: *Anais Eletrônicos do XXIII Simpósio Nacional da ANPUH*. História: Guerra e Paz. Londrina –PR. CDROM, 2005.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Isolando os inimigos: a estrutura organizacional da Delegacia de Ordem Política e Social do Estado do Espírito Santo (DOPS/ES). In: *Anais Eletrônicos do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH*. ANPUH: 50 anos. São Paulo: SP. CD-ROM, 2011.

GONÇALVES, Leandro Pereira. Tradição e Cristianismo: o nascimento do Integralismo em Juiz de Fora. In: SILVA, Giselda Brito (Org.). *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife/PE: Editora da UFRPE, 2007.

SILVA, Giselda B. O Integralismo em Pernambuco: uma história entre tantas da Ação Integralista Brasileira. In: SILVA, Giselda Brito (Org.). *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife/PE: Editora da UFRPE, 2007.

Notas

¹ Diário da Manhã (Vitória), 27/02/1934:4.

² Revista Vida Capichaba, 15/03/1934:17, n.º 360, ano 12.

³ Para saber mais sobre a fundação da AIB, ver TRINDADE, 1974.

⁴ O termo bandeira foi uma clara apropriação das expedições dos chamados bandeirantes no período da colonização da América portuguesa.

⁵ Todas as informações sobre essa primeira conferência de Plínio Salgado, em Niterói, estão baseadas em matéria publicada na Revista *Sigma*, n. 1, ano 1, set. 1937:25-26. Acervo Plínio Salgado do Arquivo Público de Rio Claro – SP.

⁶ Quando falo em estado do Rio de Janeiro, entenda-se todos os municípios fluminenses, exceto a cidade do Rio de Janeiro, na época Distrito Federal.

⁷ Mais informações em GONÇALVES, 2007.

⁸ Monitor Integralista, 20/2/1937:4.

⁹ Para maiores informações sobre os integralistas em Pernambuco, ver SILVA, 2007.

¹⁰ SILVA, 2007.

¹¹ Sobre a presença da AIB no interior do Ceará, ver REGIS, 2002.

¹² Monitor Integralista, 20/2/1937:4.

¹³ Para maiores informações sobre a presença da AIB, ver em: GERTZ, René. *O Fascismo no sul do Brasil: Germanismo, Nazismo e Fascismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto

¹⁴ Para mais informações sobre os integralistas em Ponta Grossa, ver em: CHAVES, Niltonci Batista. A saia verde está na ponta da escada. As representações discursivas do Diário de Campos a respeito do integralismo em Ponta Grossa. In: *Revista de História Regional*. Vol. 4 (1): 57–80. Ponta Grossa – PR, 1999.

¹⁵ Monitor Integralista, 20/2/1937:4.

¹⁶ Para mais informações, ver em FAGUNDES, Pedro Ernesto. Os integralistas nas eleições de 1936 no ES. In: *XXIII Simpósio Nacional da ANPUH*. História: Guerra e Paz. Londrina – PR. CD-ROM, 2005.

¹⁷ FAGUNDES, Pedro Ernesto. Isolando os inimigos: a estrutura organizacional da Delegacia de Ordem Política e Social do Estado do Espírito Santo (DOPS/ES). In: *XXVI Simpósio Nacional da ANPUH*. ANPUH: 50 anos. São Paulo: SP. CD-ROM, 2011.

¹⁸ Fundo APEES/DOPS-ES: Caixa n.º 1/Dossiê n.º 1:34.

¹⁹ Fundo APEES/DOPS-ES: Caixa: n.º 1/Dossiê n.º 1:47.